

## Uma palavra sobre o *romance*.

Alvanita Almeida Santos  
Universidade Federal da Bahia/Comissão Baiana de Folclore

O *romance* é uma das heranças, no Brasil, da cultura européia. Alastrou-se praticamente por todos os continentes onde houve a colonização ibérica. A Bahia também herdou parte desses textos.

Falar em romanceiro baiano já aponta um parentesco com os textos europeus, porque o termo “romanceiro” traz, em seu significado, uma origem de além-atlântico. A pesquisa, no Brasil, sobre o romanceiro está já bastante desenvolvida. Um dos nomes mais conhecidos no país é o de Bráulio do Nascimento, que possui diversos artigos que tratam do tema. Na Bahia, os estudos sobre o romanceiro foram desenvolvidos por Doralice Xavier Fernandes Alcoforado e Maria del Rosário Suárez Álban, no Programa de Estudo e Pesquisa de Literatura Popular (PEPLP-UFBA). Esta última dedicou-se ao estudo dos *romances* galegos, ainda encontrados entre os imigrantes da Galícia em Salvador, bem como com os textos baianos, coletados em diferentes regiões do Estado.

O *romance*, na Europa, era uma narrativa cantada enquanto se trabalhava nos campos, na lavoura, no tecer, no fiar. Eram cantares coletivos. No Brasil, além de ser conservado durante momentos de trabalho, passou também a ser cantado em momentos semelhantes aos dos contos, quando um intérprete narra a história sozinho (narrando, recitando ou cantando) para uma platéia assistente. No momento de trabalho, o canto seguia ainda o movimento do corpo, o ritmo que o trabalho exigia. Para a platéia, o canto também se conjuga com o corpo que se movimenta conforme o ritmo do relato.

Há narrativas dos feitos heróicos de personagens conhecidos como Carlos Magno, há narrativas com temas religiosos, como o *romance* Santa Iria. Mas há histórias de sofrimento, relações familiares, desejos, como *A Delgadinha*, *A Donzela Guerreira*, *Dona Infanta*.

David Pinto Correia (1993) utiliza a terminologia “*romances* orais tradicionais”, no texto em que propõe uma classificação para os gêneros da literatura oral. Esses romances, desde o século XVI, foram coletados através da escrita e, a partir daí, eles vão se distinguir da “literatura erudita”. Essas narrativas têm um começo incerto. Remontam, provavelmente, à Idade Média — se considerarmos os ambientes que neles são apresentados, como palácios nos quais estão princesas a serem raptadas, donzelas levadas como escravas por mouros, reis e rainhas que habitam castelos semelhantes aos dos contos

maravilhosos. Podem ainda ter início em tempos anteriores, e os temas foram atualizados no período da Idade Média, porque esses temas — traição, amores impossíveis, incesto, relações familiares — fazem parte da história da humanidade desde os primeiros textos produzidos.

Com a predominância da escrita e dos livros, acreditou-se que este tipo de narrativa não tivesse permanecido nas sociedades ocidentais, apenas tivesse ficado como documentos registrados do século XVI. No entanto, no final do século XIX, Ramón Menendez Pidal, em viagem às pequenas cidades da Espanha, “redescobre”, no coração de Castilha, narrativas que, segundo ele, estiveram em “uma latência plurissecular”. Na verdade, isso ocorreu muito mais pela sensibilidade de sua esposa, Maria Goyri, que identificou antigos *romances* cantados naquela região. A partir da sua redescoberta, Menendez Pidal procura reunir, por documentação escrita, todos os romances orais que na época sobreviviam, especialmente, na zona rural da Espanha. Pidal observou que, na verdade, o romance sobreviveu, de alguma maneira, no período de 1500 a 1900, quando se acreditou que tivesse sido completamente esquecido.

O termo romance tem uma história de séculos. A palavra, segundo o dicionário de Aurélio, tem origem no latim (lat. tard. *romanice* (adv.) < lat. *romanicus*, 'de Roma') e significa cada uma das variedades surgidas da “evolução” do latim vulgar falado pelas populações que ocupavam as diversas regiões da România, e que se constituiu na fase preliminar de uma língua românica. O termo *romance* surge em oposição a latino, do latim. O latim era a língua dos eruditos. O que não fosse latim era romance, portanto, pertencia ao povo, ao *vulgus*, que era iletrado. Em síntese, as línguas de origem e desdobramento do latim falado, que já não eram latim. Na acepção de um tipo de narrativa, geralmente, designando sua oralidade, também no verbete do dicionário de Aurélio, *romance* aparece nas comunidades ainda sem uma cultura escrita e podem ter relação com estas populações. Como um gênero literário, romance, sinônimo de *rimance*, é uma narrativa cantada, declamada, construída em versos.

Com relação à estrutura, os romances são definidos quanto ao número de sílabas dos seus versos — sextilhas ou septilhas, ou ainda décimas. Os textos com versos de sete sílabas são os mais comuns na literatura popular no Nordeste do Brasil, mas os romances europeus têm uma estrutura de versos mais longos. Os textos coletados na Bahia apresentam uma estrutura de versos de 15 a 16 sílabas, com dois hemistíquios (metade de um verso alexandrino — de 12 sílabas). Os versos longos darão ao canto um ritmo mais lento como o do romanceiro espanhol.